



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MAYRA TOMAZ DE OLIVEIRA

**A BUSCA DA IDENTIDADE FEMININA
NO ROMANCE *MRS. DALLOWAY*, DE VIRGINIA WOOLF**

Guarabira – PB

2014.

MAYRA TOMAZ DE OLIVEIRA

A BUSCA DA IDENTIDADE FEMININA NO ROMANCE *MRS.
DALLOWAY*, DE VIRGINIA WOOLF

Monografia apresentada, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Orientadora: Ms. Monaliza Rios Silva

Guarabira – PB

2014.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48b Oliveira, Mayra Tomaz de
A busca da identidade feminina no romance Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf [manuscrito] : / Mayra Tomaz de Oliveira. - 2014.
36 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Monaliza Rios Silva, Departamento de".

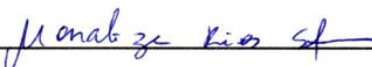
Título. 1. Identidade feminina. 2. Feminismo. 3. Literatura inglesa I.

21. ed. CDD 453

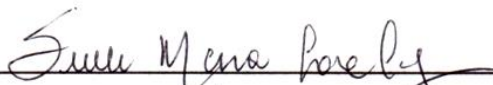
FOLHA DE APROVAÇÃO

A monografia intitulada "A Busca da Identidade Feminina no Romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf", da autora Mayra Tomaz de Oliveira, foi apresentada e aprovada no dia 07/03/ 2014 e obteve a média: 9,0 (nove).

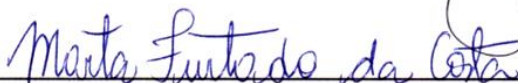
BANCA EXAMINADORA:



Ms. Monaliza Rios Silva (Orientadora – UFERSA, Campus Caraúbas)



Dra. Sueli Meira Liebig (1ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)



Ms. Marta Furtado da Costa (2ª Examinadora – DLE/CH/UEPB)

Guarabira–PB

2014.

A Deus e a minha família pelo incentivo e credibilidade que têm confiado a mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A minha querida professora e orientadora Monaliza Rios, que durante o processo de criação do trabalho mostrou-se inteiramente prestativa, me levou a enxergar novos horizontes, criando em mim expectativas abrangentes que até então não tinha encontrado os devidos caminhos para fazê-la aflorar. Fui prestigiada ao ser sua orientanda, pois ao lado dela caminham profissionalismo e amor pelo que faz.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher.” (Simone de Beauvoir)

RESUMO

Este trabalho objetiva enfatizar a análise literária do romance *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf, sob os aspectos femininos e feministas presentes na obra. O enfoque principal está na protagonista Clarissa, posteriormente Mrs. Dalloway, que vivencia um período histórico pós-guerra da Inglaterra e traz à tona a vivência das pessoas da época, bem como o comportamento das mulheres casadas. A finalidade deste é trazer uma visão de construção da identidade do sujeito como escape para mudanças sociais e intelectuais a partir da perspectiva do sujeito.

Palavras-chave: Identidade Feminina. Feminismo. Mrs. Dalloway.

ABSTRACT

This work aims at emphasizing the literary analysis of novel Mrs. Dalloway, by Virginia Woolf, under a female and feminist aspects present in this work. The main focus is on the protagonist Clarissa, later on Mrs. Dalloway, who experiences a historical postwar England and brings to light the experiences of people of that time, as well as the behavior of married women. The purpose of this paper is to bring a vision of identity construction of the subject, as to escape social and intellectual changes from the subject's perspective.

Keywords: Feminine Identity. Feminism. Mrs. Dalloway.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO		10
CAPÍTULO I	O que é uma mulher?	11
	1.1. Ginocrítica	18
CAPÍTULO II	Condição da Mulher pelo Viés da Política	21
	2.1. História das Mulheres	23
	2.2. O Gênero em Disputa	25
CAPÍTULO III	Quem é Mrs. Dalloway?	28
	3.1. A Busca da Identidade	30
	3.2. Representações de <i>Mrs. Dalloway</i> : cenário, personagens e seu Ego	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS		35
REFERÊNCIAS		36

INTRODUÇÃO

Este trabalho enfatiza o crescimento da mulher na sociedade, em especial, na condição feminina presente em um texto literário. Para tanto, é feito um estudo panorâmico, desde o início do surgimento da separação dos sexos imposto à mulher na infância, até suas consequências psicossociais na fase adulta.

Relatar a Histórias das Mulheres de uma forma sucinta é tarefa difícil. Desta forma, é traçado um panorama sobre questões conceituais entre elas: sexo, gênero, sexualidade, feminina e feminista. Posteriormente, adentra-se na obra Mrs. Dalloway de Virginia Woolf (2012), onde focaliza na protagonista Clarissa que depois de longos anos se depara com o sentimento de invalidação, enxerga sua vida como subsistente, vivendo uma fantasia para a autoafirmação da felicidade. Considerada por si mesma inútil procura nas pessoas (festas promovidas por ela), na natureza, na movimentação urbana e em especial em suas memórias motivos para se refazer e se sentir viva!

A sua busca por identidade é uma fato recorrente da falta de consolidação 'do próprio querer', da subjetividade e da individualidade. Todas as pessoas tem um nome, esta é uma característica ímpar, que faz o indivíduo um ser diferente dos demais em um primeiro instante. Para Mrs. Dalloway essa característica foi tirada de si e a deixou no vácuo quanto sábia do próprio ego. O sentimento de solidão bem como os flashes de memórias remete que ela deve ser alguém com características comuns, das quais seus amigos admiram simplesmente por pertencê-las. Poder ser alguém por dentro, muito mais que uma anfitriã pode demonstrar por fora.

CAPÍTULO 1 – O QUE É UMA MULHER?

Antes de começar a preencher linhas descrevendo o que viria a ser o papel social da mulher nos anos subsequentes do século XX, é preciso embarcar em um “cruzeiro temporal” (termo usado para expressar uma viagem percorrida pelo passado) que vai ao íntimo, ao núcleo do que tenho buscado nos últimos meses. Para se falar da vida de uma mulher e do papel que ela desenvolve, dos pensamentos que ela carrega, dos desejos e dos não desejos que estão intrínsecos em suas veias, vale a pena dizer o que vem a ser uma mulher. O que é este ser, tão moldado e confinado durante séculos e com que forma foi tratada ao longo dos anos até conquistar o mínimo espaço social que pudesse chamar de seu.

Tratar de mulher na Literatura não é um assunto simples e de fácil descrição, nem tampouco moderno, “as pesquisas sobre mulher e literatura no Brasil comemoram duas décadas e meia de sua institucionalização acadêmica” (FUNCK, 2011, p. 65). É um viés que depende a quem lançamos. É um tema muito debatido e trabalhado nas academias, o qual ganhou grande proporção em diversas áreas, seja no direito, na história, nas artes, na psicologia e, em especial relevância neste trabalho, na literatura na análise de gênero em diversas obras.

Mas, o que é uma mulher? Que figura é essa? Que perdas e ganhos tem sofrido e conquistado? Quais buscas tem almejado? Estas são questões que irão ser respondidas no desenvolvimento deste capítulo. Porém, é preciso estreitar mais este amplo assunto, não se faz necessário generalizar e falar de todas as mulheres, pois teria de ter anos dedicados a este estudo (vale ressaltar que a mulher se constrói de acordo com seu meio, sua realidade e sua mentalidade) e ao fim nos depararíamos com um novo perfil feminino, visto que o ser é mudável e vem evoluindo em uma velocidade impressionante. Focaremos, então, na mulher inglesa e branca que vive, consideravelmente, em boas condições financeiras.

Sendo assim convidamos o leitor a tomar embarcação adentro e atravessar esse mar feminino, cheio de curvas e ondas que se agitam em meio aos ventos impetuosos. É preciso voltar a si como forma humana, como criatura biológica e pura. Do nascer aos primeiros anos de vida, a fêmea humana não carrega sobre si

nenhum pensamento que a diferencie do macho. Ambos caminham em uma mesma passarela de felicidade.

A criança é regada de carinho até o momento em que os pais (levados pela correnteza corriqueira com que foram educados) começam a diferenciá-las, impondo ordens negativas aos meninos referentes aos carinhos: do beijo e do abraço tanto materno como paterno, e neste momento cria-se um “pequeno homem” (modelo desejado para que a criança atinja até chegar à fase adulta), afastando, enrijecendo e matando a partir daí quaisquer sentimentos de doçura, pois o dizem que isto não pertence à figura masculina.

Por um breve momento a menina é agraciada, pois a ela os carinhos não foram proibidos. Este é o ponto de partida, é aí onde é diferenciada a mulher do homem. Crescem com sentimentos opostos e não se pode criar uma armadura de defesa, onde seus comportamentos são moldados e impostos, ao modo que devem aceitar tão prontamente como uma esponja que absorve um líquido penetrante.

Voltando ao corpo, para Simone de Beauvoir (1960)¹, há uma diferença aparentemente atrativa para as crianças presentes nos órgãos sexuais, pois os meninos possuem um órgão externo; enquanto as meninas, um interno. Causando uma falsa sensação de vantagem para eles e falta representativa para elas. Um exemplo bem comum é a forma com que as crianças são ensinadas desde cedo a excretar seus resíduos urinários, tratando de distinguir os sexos tais quais “meninos fazem xixi em pé e meninas sentadas”.

Note como é exposto este fato, meninos simplesmente poderiam sentir-se a vontade para urinar em qualquer lugar. Em contrapartida, as meninas, por ter uma maior exposição ao baixar-se, teriam de se esconder para fazê-lo. De tal modo que para os meninos a sexualidade é apresentada desde cedo pelo pai com total naturalidade: desde brincadeiras nomeando seu órgão genital com apelidos, às respostas de supostas dúvidas surgidas posteriormente.

Já para as meninas a sexualidade é posada de forma proibida, taxativa e representante da “falta de moralidade” (vista sob o perfil de ausência de respeito). É

¹ Vide: DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

notável, a partir da supremacia da sexualidade imposta desde a infância, a criação de um grande muro de divisões e valores.

E nessa retomada, foi possível ver a nascente de um assunto que veio a se tornar o ápice em diversos discursos feministas. Entretanto, não viemos aqui colocar em foco as diferenças entre corpos de homens e mulheres (poderíamos até, em outra oportunidade, discutir este assunto). Mas, através deste, viemos mostrar o que é ser mulher. Seria um sexo? Um gênero ou uma sexualidade?

Muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamento socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles (FUNCK, 2011, p. 67).

Assim, como fala Suzana Funk na citação acima, a mulher é um indivíduo que está inserido em um meio social. Mas não como sujeito atuante da história e sim sujeita a subcondições sociais, grandiosamente impostas a ela. As diferenças entre homens e mulheres vão além do corporal, mas os problemas não se rendem aí, eles apenas iniciam.

O problema, portanto, não é efetivamente a diferença em si, a diferença entre homens e mulheres. O problema é a diferença vista como sendo da mulher em relação ao homem. É o modo pelo qual a diferença é apreendida e tratada como imperativa e essencial. É a forma pela qual ela afeta nossos modelos de conhecimento e de relacionamento, com vantagens para alguns e desvantagens para outros (FUNCK, 2011, p. 69).

A problemática criada ao longo dos anos não se detém no fato de um ser homem e o outro ser mulher. Mas sim, a visão adquirida, por exemplo, se um ser nasce no corpo masculino é tratado de uma maneira pela sociedade, ao passo em que se nascer em um corpo feminino (ou se fazer feminino) é encarado de outra maneira pré-definida pela mesma sociedade.

Na cultura ocidental, pautada pelo saber masculino, os papéis são pautados em dicotomias: os homens seriam dotados de uma natureza ativa, menos sentimentais, dotados de racionalidade e de instinto sexual desenvolvido e, portanto, suas atividades estão situadas na esfera pública. Já as mulheres seriam mais bondosas, emotivas e sentimentais, de sexualidades menos desenvolvidas,

“naturalmente” passivas e submissas, por isso suas tarefas estão situadas na esfera privada: ser dona de casa, esposa e mãe. Os corpos ou a visão construída sobre os corpos tomaram proporções e valores diferentes.

Então, que proporção tem tomado a mulher? Que espaço social ela conseguiu? Pôde ter igualdade perante o homem, em suas inúmeras profissões e posições sociais? Podemos navegar agora pelos pensamentos woolfianos. A alguns anos em uma palestras para mulheres da Sociedade das Artes, em 1928 (posteriormente ampliado e publicado em ensaio “Um teto todo seu”), assuntos comuns foram debatidos tais como mulher, literatura, ficção e materialismo. Se forem bem observadas uma a uma, estas palavras têm uma profunda ligação entre si. A mulher da literatura vivia presa a páginas meramente escritas por homens.

Se a mulher só existisse na ficção escrita por homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa da maior importância: muito versátil, heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande como o homem e até maior, para alguns. Mas isto é na ficção. Na realidade, como assinala o professor Trevelyan, ela era trancafiada, surrada e atirada no quarto (WOOLF, 1985, p. 55).

Seria a mulher real, esta mulher fruto de um pensamento ficcionista? Que olhar foi voltado para a criação desta mulher? Por que tanta inferioridade, se esta era seu fruto de inspiração?

Eis que tanto Napoleão como Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se. Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão frequentemente representam para os homens. E serve para explicar quanto se inquietam ante a crítica que elas lhe fazem (WOOLF, 1985, p. 38).

Não que as mulheres fossem inferiores ou incapazes, mas era o estereótipo imposto indesejavelmente para elas. Acreditamos que de certa forma os homens as “temiam”, visto que a falta do elogio ou até mesmo a crítica (se era possível criticar claramente) da mulher afligia o homem e feria seu orgulho onipotente sobre ela. Pois estando a mulher em um posto de inferioridade, desigualdade e, sobretudo, incapacidade tornaria demasiadamente fácil aos homens portar quaisquer sentimentos de supremacia absoluta. Era uma realidade cômoda ao sexo masculino,

nada deveria mudar se para eles tudo acontecia sob perfeita harmonia. Mas à mulher cabia aceitar ou se rebelar a este cotidiano (esta não sendo fácil e nem de comum acordo com a sociedade), era quase que lutar contra a correnteza.

Porém o que deveria ser feito para que a mulher pudesse subir ao menos um degrau desta escada inóspita de divisão de valores? É convidativo pensar na posição que esta mulher ocupou no início do século XX. Ao que parece não se apossou de cargos majoritários e nem de grandeza social que pudesse ser bem vista. Uma boa mulher seria a que se submetesse às posições dadas a ela desde sua infância.

Criadas como verdadeiras “fadas do lar”, teriam de carregar um vigor físico e alimentar-se bem para manter a sua beleza; teria de se portar com um bom comportamento e ter dotes culinários, saber educar filhos, ser uma perfeita dama. Mas, daí surge a indagação “para quê”? Para que serviria tudo isso senão para corresponder às exigentes expectativas do sexo oposto, tão bem acomodados em suas posições que mal lhes dera um único momento de compaixão ao estado espiritual que surgia crescentemente no seio da mulher.

As mulheres poderiam ocupar alguns trabalhos:

[...] trabalhos esporádicos nos jornais, fazendo reportagens sobre um espetáculo de burros aqui ou um casamento ali, ganhara algumas libras endereçando envelopes, lendo para senhoras idosas, fazendo flores artificiais, ensinando o alfabeto a crianças pequenas num jardim de infância. Tais eram as principais ocupações abertas às mulheres antes de 1918 (WOOLF, 1985, p. 47).

Trabalhos assim eram de natureza árdua, eram labutas informais e não tinham sequer um merecimento devido ao que se fazia honestamente, pois era preciso fazê-lo, visto como as únicas opções trabalhistas abertas à sua natureza inferiorizada. Também é importante ressaltar que o ganho era desmerecedor e Woolf frisa bem ao dizer “ganhara algumas libras”, de fato não eram muitas. Era preciso um ponto de partida, um grito de liberdade, a fuga de uma realidade que as oprimiam.

A mulher gostaria de alcançar um ponto chave que por ela era almejado, não falamos de querer ocupar os mesmos lugares, fazer os mesmos trabalhos, pensar

da mesma maneira. Ao contrário, queria fugir de tudo que já era pré-determinado. Queria abrir uma nova porta a fim de poder construir o seu lugar, seus pensamentos, suas próprias atitudes, para que, a partir daí, pudesse criar e não imitar, agir e não ser induzida. Seriam os seus primeiros passos, assim como uma criança ao caminhar em suas instâncias iniciais, talvez seus passos não fossem tão retilíneos e firmes, mas tentaria engajar seu próprio percurso até obter êxito.

Em “Um teto todo seu”, Woolf descreve a importância do dinheiro como forma de independência (tanto material como moral) para a mulher. A sensação que ele lhe causa e a personalidade enquanto agente em sua própria vida:

Minha tia, Mary Beton, devo dizer-lhes, morreu de uma queda de cavalo, quando estava em Bombain. A notícia da herança chegou certa noite quase simultaneamente com a da aprovação do decreto que deu voto às mulheres. [...] Dos dois – o voto e o dinheiro–, o dinheiro devo admitir, pareceu-me infinitamente mais importante (WOOLF, 1985, p. 47).

Ao receber a pensão de sua tia em um valor de quinhentas libras, a o mesmo passo de uma grande evolução histórica da conquista do voto feminino. A personagem woolfiana fictícia (criada com um propósito comum de demonstrar uma realidade) associa uma alegria à outra, devendo ser o dinheiro para ela uma das mais importantes conquistas, tendo em vista que o dinheiro agrega valores e dá uma sensação de dignidade humana:

[...] De fato, pensei, deixando a prata escorregar para dentro de minha bolsa e recordando a amargura daqueles dias, é impressionante a mudança de ânimo que uma renda fixa promove. Nenhuma força no mundo pode arrancar-me minhas quinhentas libras. Comida, casa e roupas são minhas para sempre. Assim, cessam não apenas o esforço e o trabalho árduo, mas também o ódio e a armadura. Não preciso odiar homem algum: ele não pode ferir-me. Não preciso bajular homem algum: ele nada tem a dar-me (WOOLF, 1985, p. 48).

É claramente notável a sensação que sente esta mulher ao ter uma renda sua, que a torna socialmente independente, a sensação de prazer, conforto e total liberdade. Pois não teria de se submeter a qualquer situação cotidiana ou se sentir ofendida por dever se portar de modo contrário ao seu livre arbítrio. Ela era protagonista de sua realidade, passando de um escuro bastidor para as luzes de um

palco central, tendo o poder de atuar e não mais ser dirigida por outros olhos. Mas casos assim eram raros, pois todo este sentimento e euforia foram devido à morte de sua tia, ela que trágica e involuntariamente concedera estes momentos.

Continuando a navegar pelos pensamentos woolfianos, em que analisamos mulheres com sede de liberdade, que querem conquistar seu espaço de igualdade nas prateleiras de bibliotecas, as mulheres tinham uma fonte de pensamentos tumultuados e presos em sua mente com sede de desabrochar todos eles em folhas de papel, estavam sendo sepultados vivos e assistindo aos seus próprios velórios.

Durante os séculos XVIII e XIX as mulheres foram parcialmente privadas e tratadas com escárnio ao expor suas escritas. No início do século XX os livros de mulheres foram encontrados em maior escala nas bibliotecas. Mas estes livros talvez não tenham sido escritos com a mesma facilidade que um homem escrevera, visto que as mulheres mesmo atingindo esta conquista, não tinha um espaço físico que a fizesse íntima de suas criações, um estúdio que pudessem se concentrarem, sendo a todo instante incomodadas e eram levadas a pausar e posteriormente retomar seus escritos, interrompendo o fio condutor de sua escrita: “é preciso ter um teto todo seu e quinhentas libras anuais para escrever ficção”, diz Woolf (1985, p. 51). Ou seja, a mulher precisa ter sua independência material aliada a um espaço que chame de seu para ter a total liberdade de pensar e escrever.

1.1. Ginocrítica

Não é difícil imaginar as particularidades que deveriam ter na literatura feminina. Uma vez que a mulher teria um percurso totalmente distinto do homem ao objetivar o início, o desenvolvimento, a conclusão e o reconhecimento de suas obras. Ela se faz de um modo único, visto que as dificuldades e o peso de cobranças refletidas sobre ela foram empregados de forma rígida e como se elas tivessem inferioridade intelectual.

No percurso literário feminino, referente aos anos entre 1840 e 1880, as mulheres escritoras inglesas teriam de fazer um esforço para se igualar ao ideal de escrita intelectual do universo masculino. E para tal foi adotada a prática mascarada de utilizar um pseudônimo masculino, abdicando da originalidade do seu nome, da sua natureza enquanto mulher numa realidade totalmente contrária, adentrando a esta corrente nacional.

Um exemplo clássico deste ato foram as famosas escritoras inglesas George Eliot, George Sand, Ellis e Acton Bell, entre outras. Esta atitude foi tomada com o objetivo de alcançar um estado de igualdade perante as escritas do sexo oposto. Durante alguns anos não se pode fazer o contrário, assumir sua escrita com sua própria identidade, pois a esta não era dada o credo e a devida seriedade por parte da sociedade da época. De qualquer modo, conseguiram ao menos expressar, mesmo que não tenham validado seu nome, o poder de transformar a imaginação em escrita.

O rabiscar das penas pelas mãos finas e suaves até chegar ao papel, não era de modo algum comum e costumeiro. Não poderia ser igual, não poderia ser comparado. As mulheres que escreviam não estavam a fim de plagiar, nem tão pouco almejavam escritas parecidas com os escritores em curso da época. Estava crescendo o pensamento que visaria à necessidade de uma nova esfera, pois estava para nascer uma inovação literária, um jeito único, feito por mãos de “fadas” e mentes tão brilhantes, cansadas de serem constantemente ofuscadas. Para este movimento temos como representantes da estética feminista Dorothy Richardson e novamente Virginia Woolf, nas respectivas áreas de jornalismo e ficção feminina.

Ao mesmo tempo em que foi formada uma camada feminista que visava a um novo olhar na Literatura, fora formada também a críticas feminista. A mulher vista como leitora de uma literatura produzida por escritores masculinos, ou seja, criada por homens que possuíam pontos de vista machistas, não enxergados da mesma maneira pelo sexo oposto.

Elaine Showalter (1987) afirma que uma leitura feminina pode mudar nossa ideia de um determinado texto. A crítica feminista apresentada por Showalter também está preocupada com a manipulação do público feminino, especialmente na cultura popular e no cinema. Isto é, de alguma maneira o escritor masculino escreve sua ótica literária ao seu favor enquanto detentor do saber.

Quanto à escrita feminina não podemos vitimá-la como frágil nem tampouco diferente ela deve se posicionar de forma única e atuante. A partir da formatura desta percepção surgiu a ginocrítica (do francês: *la gynocritique*, como não existia um termo específico em inglês para tal ramo, Elaine Showalter adotou o termo francês e o modificou para *gynocritics*).

Este pensamento enxerga a necessidade feminina de autenticidade na literatura da mulher. Alguns acreditam que o ativismo e o empirismo da crítica feminista é sua maior força. As mulheres não estavam ocupando os papéis principais, os atuantes e de maior atenção. Elas estavam, involuntariamente, nas bordas periféricas do mundo literário. Sendo, por diversas vezes, editoras, tradutoras ou intérpretes.

Fazia-se necessário a chegada de uma virtude, como fala Woolf, ao criar uma suposta irmã de Shakespeare (Judith), em 1928, que possuía os mesmos talentos do irmão, mas estava presa à imposição feminina da época. Não se detendo a um casamento, fugiu e tentou entrar em um teatro, mas na época apenas homens atuavam, foi vítima de escárnio, prostituiu-se, engravidou e se suicidou. A proposta woolfiana, ao criar a irmã de um grande talento, seria a construção do condutor da indagação: por que as mulheres que tinham talento não poderiam expô-los? Esta talvez tenha sido a gênese de uma nova visão.

Foi preciso a realização da construção de um quadro feminista para a análise da literatura feminina, desenvolver novos modelos e não mais fazer adaptações de

teorias e construções masculinas. A ginocrítica foi um ponto inicial para adentrar a criação de uma cultura feminina e não mais fazer tentativas de encaixar as mulheres no linear masculino existente. A mulher, como escritora, este era o alto ideal, a escrita feminina sendo assistida sob uma nova nomenclatura, ela como produtora do significado textual.

Showalter traçou alguns pontos base que mostram a veracidade desta diferença presente na literatura que distingue os sexos, estes são: a psicodinâmica de uma criatividade feminina (a mulher possui pensamentos únicos e que as diferenciam do homem em abundantes aspectos literários); Linguística e problemática de um idioma feminino (características de descrição e linguagem); a carreira literária feminina coletiva (a necessidade da união de mulheres em prol de uma nova literatura).

Ao observar a literatura, vista em nova perspectiva, não cabem culpados ou vítimas, por mais que as mulheres tenham sido marcadas por longas datas, a criação de um novo “modelo literário” lhe daria um espaço único e reservado. Onde suas ideias seriam protegidas e afloradas sem nenhum sentimento de indiferença ou desrespeito.

CAPÍTULO II – CONDIÇÃO DA MULHER PELO VIÉS DA POLÍTICA

Quando se fala em mulheres e suas buscas incessantes por espaço social não se deve descartar a política. Mas por que política? A história das mulheres e a política estão claramente entrelaçadas, porém um tanto complexas. A política feminista, por volta da década de 1970, foi o pontapé inicial da grande jornada percorrida pelas mulheres que queriam ser vistas de forma comum a atuar em um mesmo universo masculino com o devido crédito à sua intelectualidade.

Na década de 1980, os discursos feministas tomaram outro rumo e se desviaram para o gênero (categoria sociocultural e histórica), gerando um suposto rompimento com a política, surgindo um novo campo com seu próprio espaço. Embora parte da história das mulheres lute com foco no gênero, mesmo assim voltam para preocupações da política feminista, seja família, bem estar ou outros direitos.

A narrativa feminista é por muitas vezes uma narrativa política, a qual criou e assumiu uma identidade coletiva, pessoas do sexo feminino unificadas em prol de um ideal comum: o fim da subordinação, impotência, invisibilidade. Juntas por uma igualdade social e a fim de criarem um autoguaia, onde sozinhas pudessem se dirigir e se dominarem. Para Joan Scott (1992), a nova identidade coletiva das mulheres na academia anunciava uma experiência compartilhada de discriminação baseada na diferenciação sexual e também admitia que as historiadoras, como um grupo, tinham necessidades e interesses particulares que não poderiam ser subordinadas à categoria geral dos historiadores.

A luta das mulheres aconteceu e ainda acontece em diversos países, dentre eles é importante ressaltar os Estados Unidos, visto que lá, a história das mulheres foi influente nas academias. Lá foram criadas diversas comissões, onde muitas mulheres protestavam por direitos sociais igualitários, dentre elas a “EEOC” (*Equal Employment Opportunit Commission*) que, em 1966, foi pressionada a fazer valer a proibição contra a discriminação sexual tão seriamente como ela o fez quanto a discriminação racial.

Grande parte da história das mulheres tem buscado a inclusão enquanto sujeitos da história. Sua presença se faz importante neste âmbito e reivindicar seus direitos na história é entrar na correnteza, deparar-se com um grande monte e bater em cheio contra os agentes nela estabelecidos como “verdadeiros”. É feita uma divisão para se criar um novo vértice da verdade desejada. Sendo “a história do homem” mais priorizada que a “história da mulher”, estando um em oposição ao outro.

Parte da história das mulheres buscava demonstrar a atuação parecida das mulheres e dos homens e outra parte falavam das diferenças entre as mulheres, ambas as abordagens consideravam as “mulheres” como categoria social fixa, uma entidade separada, um fenômeno conhecido: eram pessoas biologicamente femininas que se moviam dentro e fora de contextos e papéis diferentes, cuja experiência mudava, mas cuja essência – como mulher – não se alterava (SCOTT, 1992, p. 82).

No espaço de discussão sobre a escrita de sua história, cabe entendermos a mulher, enquanto categoria sociocultural e historicamente estabelecida, que difere bastante do oposto do homem, conforme se verá no próximo subitem.

2.1. História das Mulheres

Ao direcionar os olhares para o ser mulher, este também é voltado para a ótica da vida, da sua história – como ciência humana que estuda o desenvolvimento do homem no tempo –, o espaço real, os costumes das pessoas que habitam nele. Não desprezando o passado como fato importante para compreensão do presente. A mulher está inserida em um contexto social, ela é parte integrante da realidade em que vive.

O indivíduo que nasce mulher é puro e, ao desdenhar de sua vivência, vai passando por experiências que marcam seu interior, visto que não é objeto de estudo externo. Dentro de si habitam pensamentos, medos e ideologias, por diversas vezes caladas e oprimidas.

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança e do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (PRIORE, 1997, p. 7).

Para que se possa analisar o conceito das mulheres em uma determinada época é preciso recorrer aos fatores históricos prescritos nos anos anteriores à sua existência, estudar o seu cotidiano e as práticas feministas nele envolvidas. É importante ressaltar que em todos os tempos existiram diversos tipos de mulheres e suas múltiplas facetas, umas vistas como estereótipos ideais femininos: as fiéis, as castas, as boas esposas e boas mães; em contrapartida existiam também as indesejáveis e temíveis: as anarquistas, as rebeldes, as feiticeiras, as prostitutas, as lésbicas e as loucas. Estas durante um bom tempo (ressalto a inquisição em Salem, EUA) foram levadas à morte devido ao seu comportamento antissocial/institucional.

Por muito tempo as mulheres foram desconsideradas e colocadas à margem pela sociedade machista. Em diversas vertentes, seja nos direitos civis, trabalhistas e também no ramo literário. Esta última foi falada por muitos antes que por elas mesmas. Como redige Woolf, em “Um teto todo seu”, onde os homens descrevem

as mulheres em suas ficções como irrealis, provenientes de um imaginário ideal para seu próprio prazer.

Teria então chegado o tempo de falarmos, sem preconceitos, sobre as mulheres? Teria chegado o tempo de lermos, sobre elas, sem tantos a priori? Muito se escreveu sobre a dificuldade de construir a história das mulheres mascaradas, que eram pela fala dos homens e ausentes que estavam no cenário histórico [...] Trata-se de focar as mulheres através das tensões e das contradições que se estabelecem em diferentes épocas, entre elas e seu tempo, entre elas e as sociedades nas quais estavam inseridas [...] mostrando como o ser social, que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante (PRIORE, 1997, pp. 8-9).

É igualmente comum, desde o século XIX até os dias atuais, ler ou até mesmo ouvir analogias entre a mulher e a natureza. A construção da imagem feminina a partir de elementos naturais denota um reflexo de que a mulher é um ser frágil, bonito, sedutor, doce, submisso, misterioso e imprevisível. Em contrapartida, esta visão carrega consigo também qualidades negativas como a perfídia e a falta de moralidade.

Por mais bela e sutil que seja, esta é uma visão masculina do ideal feminino. Como todo sistema ideológico não são atendidos de forma totalitária haviam exceções. Existiam mulheres que se rendiam às imposições da visão máscula e eram chamadas de antinaturais:

[...] A mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normalizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe, o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva. Se a mulher estava naturalmente predestinada ao exercício destes papéis, a sua incapacidade e/ou recusa em cumpri-los eram vistas como resultantes da especificidade da sua natureza e concomitantemente, qualificada como antinaturais (PRIORE, 1997, p. 332).

Não deixa de pertencer a este contexto a questão da sexualidade feminina, como foi citado acima. Tudo que fugisse de algum modo da realidade determinada, da correnteza ideológica do naturalismo feminino na vertente machista era

considerado antinatural, se fazia contrário ao imposto. Cabe aqui então, validar que a sexualidade da mulher no século XIX era de domínio masculino.

A mulher foi vista como um ser assexuado ou frígido. Para alguns médicos brasileiros a ausência ou precariedade da vida sexual poderiam resultar em consequências funestas para as mulheres: como o hábito da masturbação- causador da esterilidade, aborto ou adultério (PRIORE, 1997, p. 342).

Designada por lei natural a engravidar, parir e amamentar é tardio o pensamento de que as mulheres poderiam desenvolver prazeres. Este é um pensamento que só veio a amadurecer por volta de meados do século XIX, para alguns países. Havendo países em que as mulheres respondem à vida em subcondições de igualdade social, enquanto parte integrante da sociedade.

2.2. O Gênero em Disputa

Muito foi pregado sobre como deve ser uma mulher, conceitos foram moldados e adotados como perfeitos, foram impostos em belas vitrines, em mídias impressas e digitais. A mulher feminina perfeita foi elevada a um pedestal de pureza e delicadeza. Nada era mais belo que a majestosa obediência às dignas e maquiadas imposições.

Quando se nasce uma criança, a princípio perguntam: é de que sexo? Feminino ou masculino? E desde cedo são apresentadas regras que a inserem na sociedade: uma menina deve se portar desta maneira, uma moça não deve ter tais costumes, uma dama tem que agir assim, dançar assim, vestir assim, comer assim, ser assim etc. Caso contrário esta pessoa não se faz feminina, age de modo contrário e foge do gênero natural imposto ao seu sexo.

Mas o que é gênero? Nasce-se ou se constrói o gênero? É uma lei ou obrigação cultural? É um sexo? Em poucas palavras, mas apenas com estas, podemos dizer que gênero se refere à identidade adotada ou atribuída a uma pessoa de acordo com seus genitais, psicologia ou seu papel na sociedade.

Alguns estudos acreditam que o gênero é construído. Em alguns estudos, a alegação de que o gênero é construído sugere um molde determinado de significados de gêneros matriculados em corpos anatomicamente diferenciados, e acredita-se que estes organismos são receptores passivos de uma lei cultural inevitável. Quando a cultura relevante que "constrói" o gênero é entendida em funções. Então parece que o gênero é tão preciso e fixo, uma vez que estava sob a afirmação de que biologia é destino. Neste caso, a cultura, não biologia torna-se o destino (BUTLER, 2007, p. 34).

Em seu livro, "O segundo sexo", Simone de Beauvoir (1960) fala do se tornar mulher, de não nascer supostamente dita, não pertencendo à biologia tal parecer, mas tornar-se ao longo da vida. Sendo mulher uma característica consolidada e adquirida por experiência vivida.

Poderia desta maneira o sujeito se fazer feminino, como para de Beauvoir, tornar-se feminino? O sujeito do feminino é uma formação discursiva e é

fundamental para a política feminista, diz Butler (2007), a questão das mulheres como sujeito do feminino planta a possibilidade de que não haja subordinação, antes da lei. Ou seja, apesar de as ficções fundacionistas apoiarem a noção de sujeito, é o problema político, como o Feminismo, que enfrenta o pressuposto de que o termo mulheres indica uma identidade comum.

Não se esconde o fato de que por longos anos existiu e ainda existem para muitos uma ordem 'obrigatória' entre sexo, gênero e desejo. É bastante comum a lógica de que insiste esse pensamento. Voltando à retórica de que biologia seja a resposta dada ao gênero, há controvérsias de que o gênero e sexo são construídos linguístico-culturalmente, não pertencendo sua ordem então à biologia nem ao sexo propriamente dito. O que seria sexo? O que difere sexo e gênero? Qual a relação criada entre sexo, gênero e corpo? Poderia afirmar-se que sexo seria uma categoria derivada de gênero. O gênero é relativo à cultura, assim como o sexo cria sua relação com a natureza criando um meio discursivo anterior à cultura. Sendo assim, o corpo é apenas um instrumento usado para relacionar externamente significados culturais, o que torna gênero e sexo livres.

Todos estes fatores residem em um indivíduo, sem precisar descrever seu sexo biológico, este por sua vez carrega sua identidade pessoal. Esta identidade tem grande ligação com o gênero, chamado por Butler (2007) de "identidade de gênero". Assim como leva consigo também a identidade do sexo: a heterossexualização do desejo requer a instituição e a produção de oposições discretas e assimétricas entre "feminino" e "masculino", entendido estes conceitos como atributos que designam "homem" e "mulher".

Teorias feministas têm atentado para o patriarcado, que por muitos anos foram oprimidas e vedadas de quaisquer hábitos que não as fossem designadas. Algumas teorias foram baseadas no antropólogo Lévi-Strauss, o qual apresenta a problemática entre Natureza e Cultura para explicar a diferença entre sexo e gênero.

Marilyn Strathern e Carol MacCormack, duas antropólogas, alegam que o discurso da natureza representada como feminina ao chocar-se com a cultura representada como masculino é um estudo ativo e abstrato, mas é possível ver claramente mais uma comparação entre mulher e natureza como vítima e frágil, ao ponto que a cultura é colocada sempre em vertente com o masculino, faz-se uma

alusão ao irracional e ao intelectual numa passarela não muito confortável para as mulheres.

No livro “*O Eu e o Ele*”, Sigmund Freud fala que quando dizemos que a identidade de gênero é uma estrutura de melancolia, faz sentido escolher a “incorporação” como que a identificação para que seja alcançada. A identidade do sexo seria especificada por uma negação da perda, portanto criptografada no corpo e designa, com efeito, ao corpo vivo ao invés de morto.

Foucault (1988) fala da construção única de “Sexo” (sexo de uma pessoa e, portanto, não a outra):

a) é gerado no interesse da regulação e controle social sexualidade, e b) se escondem e artificialmente unifica funções sexuais e várias independentes diferentes posteriormente apresentadas em discurso como uma causa, uma essência interior que cria ainda inteligível todos os tipos de sensação, o prazer e o desejo como característica de cada sexo. Em, os prazeres corporais curtas não são redutíveis a esta causa aumente a essência supostamente da característica de cada sexo, mas pode ser interpretado facilmente como manifestações ou sinais desta (FOUCAULT, 1988 *apud* BUTLER, 1997, p.198).

São apoiadas neste posicionamento entre as categorias de sexo, gênero e sexualidade que pautamos a nossa discussão, a construção da identidade de Clarissa até se tornar Clarissa Dalloway, em *Mrs. Dalloway*, de Woolf. No próximo capítulo veremos como esta personagem é descrita na ficção woolfiana.

CAPÍTULO III – QUEM É *MRS. DALLOWAY*?

A perfeita dama da sociedade, como diria seu amigo Peter Walsh, responderia sucintamente esta suposta pergunta. Mas é muito complexo para se falar apenas assim. Nome que intitula uma das obras ficcionistas de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway* é mais que um misterioso nome, mais que uma dama da sociedade londrina, é um ser, é possuidora de pensamentos, desejos, medos, amores e desamores, é mulher. Antes de ser *Mrs. Dalloway*, foi Clarissa, com toda a pureza, alegria e delicadeza que poderia possuir uma moça da classe alta.

A história do dia em que descreve sua vida se passa em um cronograma regular de tempo, mas a *Mrs. Dalloway* é fruto de uma criação de fluxo de consciência, em que durante toda narrativa interage em monólogos interiores e tem constantes *flashbacks*, o que possibilita o reconhecimento do seu passado e da sua mocidade.

Sendo casada com Richard Dalloway, *Mrs. Dalloway* era uma importante esposa, tinha uma vida social perfeita, fazia do seu eu e de suas atitudes uma dama de imagem impecável. Protagonizava o reflexo do seu marido a começar pelo nome. Não era mais Clarissa, era a *Mrs. Dalloway*. E uma grande sombra foi projetada nela como um sopro de uma impetuosa névoa negra. Seu nome foi tirado de si, algo muito comum na época. Mas não para ela, arrancado como se tirassem o doce de uma criança, não sendo só um simples doce, mas sendo levado consigo todas as sensações de prazer que lhe causava enquanto o possuía. Junto ao seu nome de solteira ela levava consigo as mais cintilantes lembranças, momentos vividos unicamente e que não poderiam mais voltar.

Não é possível descrever Clarissa, sem falar nas pessoas que a cercaram, principalmente em seu passado, pois a partir destas, temos uma visão mais aguçada das características dela. Muitas delas como sua amiga Sally Seton, a qual provocava diversas sensações, Clarissa se sentia completa ao seu lado, um sentimento puro o qual jamais poderia dizer que sentiria por homem algum:

Foi Sally que a fez sentir, pela primeira vez, como era protegida a vida em Bourton. Não sabia nada sobre sexo- nada sobre problemas sociais. (...) Lá ficavam horas e horas, conversando no quarto dela no alto da casa, conversando sobre a vida, como iriam reformar o mundo. Queriam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada (...). As ideias eram de Sally, claro (WOOLF, 2012, p.17).

Clarissa possuía um ar virginal, a sonhar que a vida poderia ser bela e festiva a todo instante. Ao lado de Sally tudo foi mágico, para Clarissa ela era corajosa, quebrava regras, fugia ao 'comum' e isso a encantava desde o andar de bicicletas a fumar charutos, pois a considerava muito moderna.

Então veio o momento mais maravilhoso de toda sua vida passando por uma urna de pedra com flores. Sally parou, colheu uma flor; deu-lhe um beijo na boca. O mundo inteiro podia virar de ponta-cabeça! Os outros desapareceram, ali estava ela sozinha com Sally (WOOLF, 2012, p. 18).

E assim eram seus momentos de mocidade, os quais ela não poderia esquecer. Teria também o seu amigo Peter Walsh o qual a admirava grandemente, queria ter para si como um eterno guardião, tinha sentimentos para com ela de forma a não conseguir conter-se, um eterno amor que mesmo a distância não fez apagar um sentimento tão forte. Porém, Clarissa queria liberdade para pensar, viver e amar o que ele não podia lhe dar:

(...)Tinha feito bem – e mais do que bem – em não se casar com ele. Pois no casamento precisa existir uma pequena liberdade, uma pequena independência entre as pessoas que vivem juntas na mesma casa dia após dia; coisa que Richard lhe dava, a ela e a ele.(...) Mas com Peter tinha que ser dividido; tudo compartilhado. (WOOLF,2012, p.3)

Mas, não fazia mais sentido, pois haviam se passado muitos anos desde seu casamento. No momento presente, no dia em que descreve seu modo de viver, sua aparência havia mudado, já era uma senhora de meia idade, mãe de Elizabeth, não tinha mais seus dezoito anos e seus dias não eram mais os mesmos. Clarissa iria dar uma festa para seu marido e nada mais existiria naquele dia se não os preparativos para este evento que ela o fazia o mais que especial.

Uma festa era tudo o que Clarissa queria dar. Soava como uma despedida, ver seu dia passando. As batidas do relógio soando como terríveis horas que iam a se avançar; batidas comparadas ao big ben; podendo haver a qualquer instante grande explosão. E seus pensamentos passavam um a um, tendo um dia repleto de memórias, como se pudesse ela mesma redefinir seu destino. Talvez fosse essa mesma a intenção dela, mas não era mais possível.

Queria ela se encontrar em um daqueles momentos, encontrar seu próprio ego em ondas de compaixão e indagação. Se tivesse o poder de refazer-se, de viver para si. Mas era o bem prazer de ver as pessoas com belas roupas em todos aqueles ambientes sociais. Era o perigo da vida, pois ela via a vida de maneira perigosa. Era um risco viver, pois não construía a si, mas subsistia a partir dos outros, queria trazer para dentro de si a vida externa:

[...] Então que importância tinha se inevitavelmente deixaria de existir; se tudo isso iria continuar sem ela; ressentia-se com aquilo, ou não seria um consolo crer que a morte era o fim absoluto? Mas de alguma maneira, nas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, aqui, ali, ela sobrevivia (WOOLF, 2012, p. 4).

Tendo em vista o cotidiano de um único dia de Clarissa, passaremos a discutir como se dá o deslocamento entre a representação social desta mulher, esposa e mãe, para a verdadeira Clarissa, sua identidade desnudada.

3.1. A Busca da Identidade

Para ela mesma, quem seria Mrs. Dalloway? Que características poderia dizer que eram suas, apenas suas? Que identidade estava sendo formada nesta mulher? Chegamos então ao ponto chave. Todas essas perguntas acerca de uma pessoa resulta em uma só questão: a identitária. Ao falar de identidade, cabem dentro desta pequena expressão inúmeros conceitos.

É pressuposto dizer que o conceito mais comum que abarca este termo, seria o de um indivíduo possuir características próprias, físicas, biológicas e sociais inerentes a ele e que o difere de tantos outros. É relevante e aceitável este conceito, mas até chegar nele é preciso vivenciar situações que levaram o indivíduo a se definir como único e aceitar-se como se fez. É importante ressaltar que a identidade é construída e mutável, ou seja, não possui caráter fixo.

A identidade é uma construção dinâmica da unidade da consciência de si, através das relações subjetivas, das comunicações, da linguagem e das experiências sociais. É um processo ativo, afetivo e cognitivo de representação de si no ambiente envolvente, o que implica a existência de um sentimento subjetivo de permanência e de continuidade (INFOPÉDIA, 2014).

Não se sentia. Isso é muito incomum, pois como alguém não pode sentir isto ou aquilo a respeito de si mesma? É um sentimento de invisibilidade. A vida passava por seus olhos sem que ela tivesse notado os dias, passando um a um, e isso só fez aumentar a estranha sensação que habitava nela. Como se dentro de si não existisse nada que a fizesse vigorar uma única sinestesia que desperta o fervor outrora despertado em seus dias de mocidade.

A identidade não é formada biologicamente ou cronologicamente com o passar dos anos, ela possui caráter construtivo e agente participativo. Para poder dizer que um indivíduo está com sua identidade consolidada, enraizada ou parcialmente formada é necessário passar por etapas básicas da construção do eu, podendo ser organizadas em dois elementos: o primeiro elemento de formação é a subjetividade, porque é através dela que a razão e a emoção iniciam o seu

caminhar, suas atitudes em relação ao externo e a interpretação do que está dentro de si; o segundo elemento é a individualidade, quando as perspectivas são encaradas pelo indivíduo de maneira única, sendo sujeito da sua história e sendo assim inédito, nunca existido antes.

Voltando para o indivíduo em foco, neste caso Mrs. Dalloway fez uma busca por sua identidade, sua singularidade como pessoa e como mulher. Contamos então com uma marca de tempo, que divide a vida de Clarissa em antes e depois. Sua mocidade e posteriormente sua vida após o conjugue, visto que o casamento se tornou um “divisor de águas” e havia provocado sentimentos diversos de anulação.

Mas agora esse corpo que ela portava [...], esse corpo, com todas as suas qualidades, muitas vezes parecia nada – absolutamente nada. Tinha a sensação estranhíssima de ser invisível, de não ser vista; ignorada; agora não existindo mais casamento, não existindo mais filhos, mas apenas esse avanço surpreendente e bastante solene com os outros, subindo a Bond Street, sendo Mrs. Dalloway, nem sequer mais Clarissa; sendo Mrs. Richard Dalloway (WOOLF, 2012, p. 5).

Nota-se que Virginia frisa bem o sobrenome que seu marido a deu, acrescentando ainda seu nome gerando uma super ênfase ao patriarcado e o sentimento que causava as mulheres. Esconder-se por traz de um nome, de um modelo familiar, implica dizer aceitar novo modelo, nova forma de ser e agir. Como poderia esta mulher ter alguma característica própria, algo que fosse reconhecido como seu, que as pessoas pudessem lembra-la? Uma festa. Essa era a única escapatória, era a estratégia que ela utilizava para trazer para perto de si a vida. As pessoas, as conversas que rodeavam seu salão. Seu perfeito comportamento social, uma esposa impecável. Mas ela mesma se indagava fazia tudo aquilo.

A busca da identidade de Mrs. Dalloway dava-se na constante interação com o meio seja em suas observações, com as pessoas, com a natureza, com a vida, com seu passado, lembrando seus belos dias de juventude (cisão entre as paixões e os ideais da juventude), ou até mesmo o conformismo da vida adulta e as convenções do casamento. Ela buscava interiorizar a vida presente no outro. Dessa forma se sentia consolada por seu constante vazio. Ela é um elemento do meio que absorve as diferentes sentidos a fim de simular a perfeição da felicidade humana, a

classe e os bons costumes através de suas festas, mesmo não se sentindo completa. Buscava apresentar-se bem, tentava mostrar para as pessoas que sua vida é bonita, que a vida pode ser bonita.

3.2. Representações de *Mrs. Dalloway*: cenário, personagens e seu ego

Mrs. Dalloway saiu de casa com um propósito: comprar flores. Ela mesma quis compra-las, escolhê-las uma a uma, para ter certeza de que todos os detalhes para a festa passaram por suas mãos e, sutilmente surgiu uma dúvida sobre esta festa, seria a celebração da vida ou o ritual da morte? Como a própria Woolf fala no prefácio do livro “[...] Mrs. Dalloway, originalmente, ia se matar, ou talvez apenas morrer no final da festa” (2012, p. 1). Eis que aquele dia sondava com horas passageiras (ao som *Big Ben*) e vividas intensamente.

No caminho da floricultura ela passa por vários cenários e os descreve com detalhes. Ela sente o cheiro e o jeito de tudo o que vê, é uma observadora assídua, a fim de trazer para si toda a beleza que mora fora.

No olhar das pessoas, no andar ondulante, no passo firme ou arrastado; na gritaria e tumulto; nas carroças, automóveis, ônibus, furgões, homens-cartaz gingando e arrastando os pés; nas bandas e realejos; na marcha, no refrão e na estranha cantoria aguda de algum avião lá em cima estava o que ela amava: a vida, Londres, este momento de Junho (WOOLF, 2012, p. 1).

Extremamente feminina e sutil Mrs. Dalloway caminhava singelamente pela Bond Street, passava por lojas e era vaidosa: “Luvas e sapatos; ela tinha paixão por luvas; mas sua filha Elizabeth, não se importava minimamente com luvas ou sapatos” (WOOLF, 2012, p. 5). Observava as vitrines e sentia-se viva olhando tudo ao seu redor. Ao chegar à floricultura se depara com o tão falado espelho feminino, visto que a mulher por diversas vezes é comparada com a natureza na sua sensibilidade, desta vez com flores, diversas e de belezas distintas: “Havia flores: esporas-dos-jardins, ervilhas-de-cheiro, pencas de lilases e cravos, montes de cravos. Havia rosas; havia íris” (WOOLF, 2012, p. 6). Ao falar de natureza, não se pode deixar esquecer as cenas na fonte rodeada de arbustos na sua casa enquanto sua mocidade e foi nela que Clarissa vivenciou os melhores momentos marcantes da sua vida.

As ruas Bond Street e Picadilly, o Regent’s Park e toda a cidade estavam ali vivas ao seu redor. Cheias de pessoas com belas roupas e chapéus adequados ao

horário. Tudo isso era encantador aos olhos de Clarissa. Deve-se ressaltar que a Inglaterra vivenciava um período pós-guerra, o que acarreta alguns personagens marcados como Septimus que ficou em um estado delicado de sanidade após ver seu companheiro soldado morrer.

É interessante destacar que mesmo sem ter contato direto entre Clarissa e Septimus, apresentou-se uma dualidade entre vida e morte. Como se a vontade que Mrs. Dalloway tinha de desistir da vida fosse transferida para Septimus que se suicidou quando confrontado para ser tratado em uma clínica. A confirmação deste fato Clarissa teve mais tarde em sua festa, através do doutor Homes e houve um *déjà vu*, pois Mrs. Dalloway estava celebrando (vida) enquanto o doutor falava do seu paciente (morte).

Houve também outros personagens que marcavam o meio de Clarissa, uns bons e outros que não a agradaram. Lady Bexborough, a quem Clarissa admirava muito, sua aparência de pergaminho com grandes olhos; em contrapartida Mrs. Kilman que era uma mulher pobre e negativa, que acreditava que tudo conspirava de forma ruim, criou um laço de amizade com Elisabeth o que despertara ciúmes também. Entre outros tantos personagens com menor destaque.

Se fosse dada a oportunidade e a existência de conversar pessoalmente com Clarissa, o primeiro a ser feito seria olhar em seus olhos e entendê-la. Acho que isso seria o principal a ser feito. Entendê-la como ela é e não a julgar frívola como Peter ou inútil como ela mesma se descreve. Cada um carrega dentro de si uma singularidade, e como tudo (a obra) se passa em um dia. Um dia comum na vida de uma pessoa; tem dias bons e dias não muito bons. É aberta a dedução que Clarissa se sentia mal neste dia. O tirar de si para dar ao outro e o procurar no outro para dar a si. Ela fazia festas para receber alegrias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a “metamorfose” (mudanças positivas no seu meio) que as mulheres sofreram com o decorrer do tempo para chegar à liberdade da escrita em um patamar igualitário, é possível destacar que Virginia Woolf enfatizou em sua obra *Mrs. Dalloway* a feminilidade como uma carga projetada às mulheres pela sociedade, bem como o preço que se paga por uma vida social impecável.

Neste trabalho se destacou a busca da identidade projetada na personagem ficcionista Clarissa, que ao casar deixou para trás sua vida e teve que se encontrar ao lado do marido Richard Dalloway. Ela consegue realizar essa procura identitária, através da observação do meio; das pessoas e da natureza. Mesmo com o pensamento inicial de suicídio, ela escolhe viver.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo I** – fatos e mitos. Trad. de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

_____. **O Segundo Sexo II** - a experiência vivida. 2.a Edição Trad. de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble** – Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** – A Vontade de Saber. Vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FUNCK, Susana. O que é uma Mulher? In: **CERRADOS**: revista do programa de pós-graduação em literatura ([Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina](#)). Vol. 20, N. 31. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2011.

INFOPÉDIA. **Identidade** (psicologia). Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$identidade-\(psicologia\)](http://www.infopedia.pt/$identidade-(psicologia))>. Acesso em: 21/02/2014.

PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editor Contexto, Editora UNESP, 1997.

SCOTT, Joan. **Historia das Mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SHOWALTER, Elaine. **The Female Malady** – women, madness, and English culture. New York: Penguin Group, 1987.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: Col. L&PM Pocket, 2012.

_____. **Um Teto Todo Seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

ZOLIN, Lúcia Osana. A condição social da mulher brasileira e seu modo de representação na literatura: do século XIX ao XX. In: **Revista Unimar** – Ciências Humanas e Sociais. Maringá. V. 19. N. 01. Pp. 41-59,1997.